

# A DEIXIS FICTIVA NA PROSA POÉTICA

Maria Antónia Coutinho

*Sendo a linguagem a condição e matriz de todas as actividades especificamente humanas, a Linguística está ligada a todas as outras Ciências Humanas pelos mais estreitos laços de família, não por meras relações de coabitação. Gostaria de poder integrar-me, com o presente trabalho, nas fileiras dos que acreditam e procuram provar que a Linguística quer e pode dialogar com as outras Ciências Humanas, quer e pode dar um contributo próprio à construção de um saber sem fronteiras sobre o Homem.*

Fernanda Irene Fonseca, 1992: 17

## **Introdução**

As páginas que se seguem ficam certamente muito aquém do desafio que exprime a citação em epígrafe. Ao escolhê-la, limito-me a inscrever-me no interior de um programa de trabalho – e a subscrever um ensinamento que ganha cada vez mais sentido.

A proposta deste trabalho situa-se na continuidade da descrição linguística de diferentes possibilidades de mobilização da língua em funcionamento, ou *modos de enunciação*, para que têm concorrido diversos autores (nomeadamente Benveniste 1966, Simonin-Grumbach 1975, Bronckart et al. 1985, Bronckart 1997). Neste mesmo âmbito, no contexto português, destaca-se o contributo de Fonseca Irene Fonseca (1992 e 1994) que, centrando-se no caso da *narração*, perspectiva uma *teoria enunciativa da ficção*, disponibilizando a noção fundamental de *deixis fictiva* (ou *deixis narrativa*). Na senda deste percurso, proponho-me aqui focar a construção enunciativa da *exposição*, verificando se existem divergências significativas em diferentes actividades e/ou textos – aqui referidos como *prosa poética* e *prosa científica*. Tratar-se-á, em última análise, de averiguar em que medida o modo enunciativo da *exposição* é susceptível, também ele, de “construir mundos com textos” – ou, se preferirmos, de encarar o texto de carácter expositivo “como forma de configuração que o torna capaz de *projectar um mundo*” (Fonseca, 1994:108).

Em primeiro lugar, serão apresentadas e discutidas as noções teóricas fundamentais, de acordo com a proposta de trabalho enunciada – privilegiando-se, por um lado, o contributo específico de Fernanda Irene Fonseca, atrás referido e, por outro, o quadro teórico e epistemológico do Interaccionismo Sociodiscursivo (doravante ISD). Num segundo momento, retomar-se-ão as noções em causa, agora numa perspectiva de análise de textos.

### **A noção de deixis fictiva (ou narrativa)**

Recorrentemente preocupada com os contributos possíveis da Linguística para outros domínios, em particular a literatura e o ensino, a obra de Fernanda Irene Fonseca atribui particular relevo às questões de *deixis*, tempo e narração (tematizadas ao nível do título, em Fonseca, 1992). O presente trabalho não se propõe passar em revista todos os passos do ensinamento sobre o sistema e o funcionamento dos tempos verbais e dos processos deícticos e anafóricos – focalizando em particular a noção de *deixis transposta ou fictiva*<sup>1</sup>.

Como se sabe, a *deixis fictiva* corresponde a uma forma de mostração «in absentia» e decorre directamente da noção de *deixis* «am Phantasma» formulada por Karl Bühler. Uma parte significativa do contributo de Fernanda Irene Fonseca passa pela análise das razões que levaram a que a esta forma de *deixis* tenha sido desvalorizada – mesmo por linguistas como Weinrich e Herculano de Carvalho que, de acordo com as palavras da própria autora, estão “entre os mais sensíveis ao legado teórico de Bühler (1992: 142)<sup>2</sup>. É na sequência desse percurso que se desenvolve a argumentação da autora de que nos ocupamos e que interessa aqui, sobretudo, evidenciar – mostrando como esclarece e valoriza a perspectiva de Bühler e, em particular, a noção em análise.

Fernanda Irene Fonseca começa por mostrar que a forma como Bühler equaciona o fenómeno deíctico está associada à noção de *campo mostrativo* (que se institui linguisticamente a partir do sujeito falante e das respectivas coordenadas de espaço e de tempo). Assim, a autora explica que é a distinção de três campos mostrativos, a corresponderem a três formas diferentes de mostração, que sustenta a diferenciação entre a *deixis* «ad oculos», a anáfora e a *deixis* «am Phantasma»: campo mostrativo situacional, no primeiro caso, campo mostrativo textual, no segundo e, finalmente, campo mostrativo imaginário no caso da *deixis* «am Phantasma» (Fonseca, 1992: 87)<sup>3</sup>. Trata-se no entanto, em todos os casos, de um

<sup>1</sup> Veja-se, em particular, Fonseca, 1992: 135-157; 1994: 75-86, 87- 103.

<sup>2</sup> Essa desvalorização fica patente quando se constata – como sublinha a autora – que um linguista como Culioli, fazendo uso da noção de “repère-origine fictif”, não estabelece qualquer relação com a noção de *deixis* “am Phantasma” de Bühler (Fonseca, 1992: 142).

<sup>3</sup> Para uma apresentação mais detalhada da teoria bühleriana de *deixis* veja-se Fonseca, 1992: 84-96.

processo de representação linguística, como claramente sublinha Fernanda Irene Fonseca (1992: 147):

O conceito de campo mostrativo, básico na teoria Bühleriana da deixis, concretiza a conformação linguística de um campo de referência que se desenha a partir do acto de fala e que não é lícito interpretar (nem mesmo no caso da deixis «ad oculos») como um espaço real preexistente à enunciação. Definido como um campo perceptivo cujos contornos se desenharam a partir do centro de irradiação constituído pelas coordenadas enunciativas, o campo mostrativo Bühleriano gera-se com a linguagem, é criado através dela.

A partir desta caracterização geral do fenómeno deíctico, na perspectiva de Bühler, a revalorização da deixis «am Phantasma» decorre, no percurso de Fernanda Irene Fonseca, de duas ordens de considerações. Em primeiro lugar, a autora aponta como válida para a deixis «am Phantasma» uma característica que Bühler atribui à anáfora: o facto de esta compensar as contingências psico-físicas necessariamente associadas ao funcionamento da linguagem. Assim, tal como Bühler considera que, no caso da anáfora, a linearidade é usada para ultrapassar as contingências da própria linearidade, Fernanda Irene Fonseca assume que, na deixis «am Phantasma», é o funcionamento deíctico da linguagem que é usado para ultrapassar as contingências desse mesmo funcionamento deíctico: “A possibilidade de superação fictiva da *contingência deíctica* assenta, pois, na projecção, por reprodução *mimética* (homológica ou analógica), da própria «origo» enunciativa e respectivas coordenadas.” (Fonseca, 1992: 148). Por outro lado, Fernanda Irene Fonseca mostra como se constitui a especificidade da deixis «am Phantasma», relativamente a cada uma das outras duas possibilidades de mostração: partilhando com a deixis «ad oculos» o facto de se realizar num campo mostrativo referencial, e com a anáfora o facto de se realizar num campo mostrativo textual, a deixis «am Phantasma» realiza-se num campo mostrativo que é, simultaneamente, referencial e textual, isto é, num “*contexto referencial* criado no e pelo *texto*” (Fonseca, 1992: 149).

Se a revalorização da concepção Bühleriana de *deixis* é um contributo em si mesmo significativo, a atenção e o interesse que Fernanda Irene Fonseca dedica à deixis «am Phantasma» aparecem explicitamente associados ao papel que esta assume no funcionamento (e na compreensão do funcionamento) da narração e da ficção – razão que é, de resto invocada, para justificar a proposta de designação da deixis «am Phantasma» como *deixis fictiva* ou *narrativa* (Fonseca, 1992: 155). Além disso, a autora justifica o facto de tomar como equivalentes estas duas expressões, assumindo que “a viabilidade da *narração* e da *ficção* assentam nas mesmas infra-estruturas linguísticas, isto é, pressupõem ambas a possibilidade de projecção de coordenadas enunciativas. (1992:155-156). Embora esta questão seja ainda retomada à frente, interessa-nos desde já sublinhar que a opção pelo termo

*fictivo* traduz a intenção deliberada de impedir a confusão entre o fenómeno em causa e a ficção (tal como é normalmente entendida):

Uso o termo *fictivo* para referir, marcando uma distinção em relação a *ficcional*, este sentido mais amplo que implica todo o tipo de projecção das coordenadas enunciativas quer essa projecção se associe ou não à efectiva "invenção de situações irreais". Uma caracterização ampla que coloca a noção de ficção como denominador comum a um conjunto aberto de operações de *transposição referencial*, em que desempenha papel fundamental o funcionamento dos *deícticos*." [1990]1994: 96

Esta passagem mostra à evidência que a *deixis fictiva* não constitui apenas um recurso de construção ficcional – e não se limita também à narração, como as páginas que se seguem pretendem evidenciar. Para tal, começaremos por clarificar, no ponto seguinte, a oposição entre o modo de enunciação narrativa e o modo de enunciação expositiva.

### **Tipos de discurso (ou modos de enunciação)**

A questão que abordamos neste momento não está de forma nenhuma ausente da produção de Fernanda Irene Fonseca. Escolhemos no entanto não desenvolver em detalhe esse aspecto da produção da autora – preferindo focalizar a relação entre deixis fictiva e modos de enunciação ou tipos de discurso – de acordo com a expressão privilegiada no quadro do ISD (Bronckart, 1997, 2008), que passamos a apresentar. Esta concepção inscreve-se numa linhagem cujo principal marco é sobejamente conhecido: trata-se da oposição benvenistiana entre enunciação histórica e discurso, entendidos como diferentes planos de enunciação (Benveniste, 1966: 237-250). Enquadram-se também na mesma orientação os contributos de Weinrich ([1964]1973), que estabelece a oposição entre modos de locução associados ao *mundo narrado* e ao *mundo comentado*, e de Jenny Simonin-Grumbach (1975) que, recorrendo a uma descrição devedora do trabalho de Antoine Culioli, desdobra a dicotomia proposta por Benveniste em cinco planos, a saber, *discurso*, *história*, *discurso indirecto*, *textos teóricos* e *textos poéticos*. Decisivo será ainda o ponto de vista exposto em *Introduction à l'Architexte*, onde Genette insiste na diferença de estatuto entre *gêneros* (como categorias literárias) e *modos de enunciação*, como categorias de ordem linguística (Genette, 1986: 142)<sup>4</sup>.

É nesta mesma linha – integrando investigação teórica e trabalho empírico desenvolvidos no âmbito da equipa de didáctica das línguas da equipa da Universidade de Genève (Bronckart et al., 1985) – que são entendidos os discursos, no âmbito do

<sup>4</sup> Para um comentário desenvolvido sobre o contributo de Genette, no que a esta questão diz respeito, poder-se-á consultar Bronckart, 2008: 58-61. Sublinhe-se também que todos os contributos agora referidos são objecto de reflexão em Fonseca, 1992.

ISD. Tratando-se de segmentos de texto em que se elaboram mundos discursivos específicos, são identificáveis pelas unidades linguísticas que neles ocorrem – isto é, por unidades que fazem parte de um ‘pacote’ de possibilidades de ocorrência. É essa regularidade linguística que torna viável a tipificação, assumindo-se assim os tipos de discurso, em número limitado e dotados de estabilidade linguística, como *tipos linguísticos*. Este estatuto especificamente linguístico suscita duas observações. Em primeiro lugar, e ao contrário do que acontece normalmente no quadro da análise do discurso (e, por vezes, da linguística do texto) – em que os discursos correspondem à contextualização histórica e social dos objectos (linguísticos) que são os textos – no quadro do ISD os discursos são compreendidos como unidades infra-ordenadas que entram na composição dos textos – entendidos estes, por sua vez, como unidades comunicativas globais, necessariamente associadas a determinada actividade social, de que constituem um representante empírico<sup>5</sup>. Em segundo lugar – mas determinante para compreender a concepção em causa – importa sublinhar que esse carácter linguístico corresponde à semiotização, de acordo com as especificidades da língua em causa, de mundos discursivos. Estes constituem-se textualmente, na interface entre “mundos formais” (representações colectivas, organizadas segundo modalidades reguladas pela colectividade em causa) e o “mundo vulgar” do agente implicado (representações individuais, associadas à especificidade da história pessoal e relativas à acção concreta de linguagem e aos conteúdos nela envolvidos). Os mundos discursivos correspondem assim a plataformas de transição entre duas ordens de representações, individuais e colectivas, e a forma como se constituem pode ser descrita tendo em conta dois tipos de ruptura. Uma, de ordem temporal: ou se verifica correspondência entre as coordenadas temporais da acção de linguagem, no mundo vulgar do agente, e as que são verbalizadas no texto (relação de conjunção); ou, pelo contrário, existe ruptura entre essas mesmas ordens de coordenadas (relação de disjunção). No

---

<sup>5</sup> No âmbito do presente trabalho, não desenvolveremos a noção de género de texto, pelo que nos limitaremos aqui a um breve apontamento. A cada esfera de actividade social estão associadas classes de textos – ou géneros – que se vão elaborando através das contribuições de gerações sucessivas e que gozam por isso, numa época dada, de uma relativa estabilidade. Assim, cada texto produzido / a produzir releva de um determinado género – num processo duplo de adopção e de adaptação (sendo que a maior ou menor liberdade de adaptação, podendo depender de factores variados, é normalmente regulada por critérios tácitos ou explícitos no interior da própria actividade considerada). Note-se como esta perspectiva se pode coadunar com o ponto de vista de Genette atrás referido: dizer que os géneros são categorias literárias equivale a entender os chamados géneros literários como específicos de uma determinada actividade (a literária), da mesma forma que podemos dizer que outras actividades, como a escolar, a académica, a religiosa ou a política, têm os seus próprios géneros.

primeiro caso, estamos na *ordem do expor*, enquanto o segundo caso é da *ordem do narrar*. Estas duas ordens discursivas podem ver-se desdobradas em diferentes mundos discursivos, fazendo intervir uma segunda ruptura, de ordem actorial: ou se verifica correspondência entre as instâncias agentivas da acção de linguagem e as que são verbalizadas no texto (relação de implicação) ou, pelo contrário, existe ruptura entre elas (relação de autonomia). Podemos assim considerar, no cruzamento destas duas ordens de operações, quatro mundos discursivos, como mostra o Quadro 1<sup>6</sup>:

		Organização temporal	
		Conjunção	Disjunção
		EXPOR	NARRAR
Organização actorial	Implicação	<b>Discurso interactivo</b>	<b>Relato interactivo</b>
	Autonomia	<b>Discurso Teórico</b>	<b>Narração</b>

**Quadro 1**

Como já atrás foi dito, os mundos discursivos constituem-se (e deixam-se reconhecer) através da forma como são linguisticamente semiotizados, em cada língua natural. Por outras palavras: a cada mundo discursivo corresponderá um tipo de regularidade linguística – isto é, um tipo de discurso – identificável pelas formas linguísticas em que se configura. Sublinhe-se que a ocorrência de determinada forma não chega (normalmente) para identificar um tipo de discurso – sendo antes a articulação da formas em ocorrência que permite fazê-lo. Veja-se, a título de exemplo, como a ocorrência de localizadores temporais ou espaciais com valor deíctico não é suficiente para identificar um tipo de discurso: sendo previsíveis tanto no discurso interactivo como no relato interactivo, estes só se distinguirão em função de outras formas em presença, nomeadamente os tempos verbais (presente, pretérito perfeito e futuro perifrástico, para o discurso interactivo, pretérito imperfeito e pretérito perfeito, para o relato interactivo). Da mesma forma, a ocorrência de formas no presente do indicativo não constitui indicador só por si: elas

<sup>6</sup> Seguimos aqui a apresentação feita em Bronckart, 2008, que retoma, desenvolvendo e reformulando pontualmente, Bronckart 1997. No que diz respeito à articulação entre tipos de discurso e géneros de texto, em português europeu, poder-se-á consultar Miranda, 2008.

funcionam com valor gnómico no discurso teórico (corroborado pela ausência de outras formas deícticas), por oposição ao valor deíctico actualizado no discurso interactivo (associado à ocorrência de formas de primeira e de segunda pessoas e de nomes próprios, com valor exofórico).

### **A *deixis fictiva* na ordem do expor – alguns exemplos**

Não se pode considerar uma novidade pensar que a *deixis fictiva* possa funcionar em textos que não possuam carácter narrativo. É a própria Fernanda Irene Fonseca quem o sugere, nomeadamente através do seguinte exemplo: "A Rua dos Combatentes é essa, à tua frente, quando saís da estação do caminho-de-ferro." ([1987]1994: 95). No entanto, o trabalho da autora incide sobretudo sobre questões de ordem narrativa – pelo que se justificará salientar a operacionalidade da noção de *deixis fictiva* em discursos que, de acordo com o que ficou atrás exposto, consideraremos da ordem do expor.

Se já em outro trabalho abordei esta mesma questão (Coutinho, 2002), permaneceu desde aí o interesse de verificar outros rendimentos associados à *deixis fictiva* – para além dos que mais evidencia o trabalho de Fernanda Irene Fonseca, centrado sobre questões de ordem narrativa. A análise que agora se apresenta não é mais do que um esboço – que trabalho mais amplo, com dados quantificados, poderá vir a sustentar de forma mais cabal. A par do facto de nos limitarmos a exemplos do que parece poder ser uma tendência, importa também sublinhar que não se fez intervir uma diferenciação mais fina dos géneros em causa, admitindo-se como suficientemente operacional, para os objectivos em causa, a oposição entre *prosa científica* e *prosa poética* (ficando assim pelo menos marcada a relação entre os textos em análise e a actividade social/de linguagem em que eles tomam forma)<sup>7</sup>.

O excerto apresentado no Anexo 1 corresponde inequivocamente a um segmento da ordem do expor com autonomia relativamente às instâncias actoriais. A par de outras características do discurso teórico<sup>8</sup> (como o valor gnómico associado ao tempo gramatical do presente e a ocorrência de estruturas impessoais), interessa aqui salientar o papel das anáforas nominais: constituindo um dos aspectos configuradores do discurso teórico, intervêm especificamente na (re)elaboração dos conteúdos expostos. No caso do exemplo em análise, fica claro que essa (re)elaboração ocorre em descrições locais – cujo rendimento só se verifica completamente quando integradas na organização textual global de ordem explicativa,

---

<sup>7</sup> Reveja-se, a este propósito, a nota 5. Note-se ainda que não desenvolvemos aqui uma análise detalhada, no sentido de decidir se se trata efectivamente de actividade científica ou de divulgação científica, por um lado, literária ou de crítica literária, por outro.

<sup>8</sup> Note-se, no entanto, que o discurso teórico não se limita a ocorrer em textos de carácter teórico ou científico.

inequivocamente marcada pelo título (através da interrogação, a marcar discurso interactivo, ou mais interactivo que teórico)<sup>9</sup>.

O texto *Sobre Camilo* – reproduzido no Anexo 2 – actualiza fundamentalmente discurso interactivo (que nos dispensaremos aqui de analisar em pormenor). A questão que interessa pôr em destaque tem a ver com o facto de as expressões nominais introduzidas por demonstrativo que aparecem sublinhadas só com muita dificuldade poderem ser entendidas como anafóricas. É verdade que há momentos anteriores do texto que se podem relacionar, de um ponto de vista temático, com as expressões em causa, sobretudo com a primeira, na ordem linear do texto ("este apaixonado e áspero vendaval"): "a sua ambiguidade", "uma entre mil das suas pendulares oscilações", "algumas das mais turvas", "as de maior transparência". Apesar de estas conexões poderem contribuir para a elucidação do percurso interpretativo<sup>10</sup>, o movimento do texto não se faz num sentido de retoma, mas no de progressão ou abertura, marcado pela ocorrência do ostensivo "eis". Trata-se de ver, ou dar a ver, *outra coisa*: precisamente o que é mostrado através dos sintagmas nominais introduzidos por demonstrativo. Não será talvez alheio a este mecanismo o facto de o texto em análise ter sido originalmente produzido como *prefácio*<sup>11</sup> – que, ao fechar, "aponta" para o que se segue. É o que se verifica também, de forma ainda mais óbvia, com o texto *Tudo é só um puro dizer no tempo* (também parcialmente reproduzido no Anexo 2) – originalmente produzido como Texto do Catálogo da 1ª Exposição individual de Ângelo de Sousa, em Maio de 1963, e posteriormente integrado no volume *Os Afluentes do Silêncio*. Se as expressões nominais introduzidas por demonstrativo poderão ter funcionado, no texto do catálogo, com valor deíctico, elas reconfiguram-se necessariamente, no texto que lemos em *Os Afluentes do Silêncio*, como *deixis fictiva*.

## Conclusão

Fernanda Irene Fonseca mostrou com perfeita clareza a relação entre modos de enunciação e construção referencial<sup>12</sup>:

---

<sup>9</sup> Não desenvolvemos aqui a questão das fronteiras e variantes entre tipos de discurso, mas vale a pena sublinhar que Bronckart assume que a fronteira entre discurso interactivo e discurso teórico é pouco rígida, sugerindo a necessidade de pensar em termos de graus de autonomia do discurso teórico (1997: 193).

<sup>10</sup> Sobre a noção de percurso interpretativo, cf. Rastier, 2001.

<sup>11</sup> O texto foi produzido como prefácio de *A mulher fatal*, de Camilo Castelo Branco, a publicar pela Editorial Inova – e só posteriormente integrou o volume de "prosa poética" que é *Os Afluentes do Silêncio*.

<sup>12</sup> É justo sublinhar, a este propósito, que a autora se pode contar entre aqueles que não incorreram na confusão relativa aos "modos de enunciação", atrás referida.



[...] uma distinção entre modos de enunciação implica também uma distinção entre modos de referência. Os deícticos funcionam como marcas, no enunciado, não só do modo como o locutor concebe a sua relação com o que enuncia, mas também da forma como constrói a sua relação cognitiva com o real. (1992, 217-218).

Será talvez uma característica da *prosa poética* o recurso à deixis fictiva – que importará comprovar com outros dados, como já foi referido. Mas as breves análises atrás desenvolvidas permitem mostrar ainda um outro aspecto: é que a deixis fictiva, constituindo uma possibilidade linguisticamente prevista de lidar com (ou contornar a) dependência contextual, funciona afinal como um dos mecanismos que permite a permanência e circulação de **textos com qualidade literária** – em todo o seu esplendor, que a possibilidade de "desinserção fictiva" torna ainda mais evidente.

Terminaremos assim, circularmente, subscrevendo perspectivas de trabalho sabiamente apontadas por Fernanda Irene Fonseca:

A relação interdisciplinar entre Linguística e Literatura tem vindo a ser encarada, de um modo geral, bastante unilateralmente: o que é visado é o contributo da Linguística para a compreensão do texto literário. Já o inverso, isto é, o estudo do fenómeno literário como contributo para uma melhor compreensão da linguagem e seu funcionamento é um aspecto deixado na sombra. (1992: 236).

### Referências bibliográficas

- Benveniste, Emile, 1966, *Problèmes de linguistique générale*, 1. Paris, Gallimard, pp. 237-250
- Bronckart, Jean-Paul, 1997, *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*, Paris, Delachaux et Niestlé
- Bronckart, Jean-Paul, 2008, "Genre de textes, types de discours, et « degrés » de langue", *Texto !* [Em linha], *Dialogues et débats*, vol. XIII, no. 1, <http://www.revue-texto.net/index.php?id=86> (Consultado a 8 de Julho de 2008)

- Coutinho, Maria Antónia, 2002, "Perspectivas linguísticas sobre a noção de *estilo*" in Duarte, I. M. et al. (orgs.). *Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, Porto, CLUP, pp.41- 54
- Fonseca, Fernanda Irene, 1987, "Referência, 'translação' de referência, e 'excesso referencial': uma leitura do 'excesso' em dois textos de Óscar Lopes", *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, vol IV, Porto; também in Fonseca, 1994, 75-86
- Fonseca, Fernanda Irene, 1990, "Dependência contextual e transposição fictiva: contributos para uma abordagem enunciativa da ficção", *Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto; também in FONSECA, 1994, 87-103
- Fonseca, Fernanda Irene, 1992, *Deixis, Tempo e Narração*, Porto, Fund. Eng. António de Almeida
- Fonseca, Fernanda Irene, 1994, *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*, Porto, Porto Editora
- Genette, Gérard, 1986, *Introduction à l'architexte*, Paris, Seuil
- Miranda, Florencia, 2008, "Géneros de texto e tipos de discurso na perspectiva do interaccionismo sociodiscursivo : que relações?", *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies* nº1, Julho de 2008, pp. 81-100
- Simonin-Grumbach, Jenny, 1975, "Pour une typologie des discours" in Kristeva, J., J.-C Milner & N. Ruwet (dirs). *Langue, discours, société. Pour Émile Benveniste*, Paris. Seuil, pp. 85-121
- Weinrich, H. [1964]-1973, *Le temps: le récit et le commentaire*, Paris, Seuil

## Anexo 1

### *O que é um cristal líquido?*

*A maior parte das substâncias são susceptíveis de se encontrarem no estado sólido, líquido, ou gasoso, consoante a temperatura a que estiverem sujeitas. A passagem do estado sólido para o estado líquido dá-se em geral por aquecimento, a uma temperatura determinada,  $T_f$ , variável de substância para substância, chamada temperatura de fusão. Há porém substâncias orgânicas, ou organometálicas, de origem quer natural quer sintética, que fundem a uma temperatura  $T_f$  para um estado líquido intermédio, de aparência turva, e transitam depois, a uma temperatura mais elevada  $T_c > T_f$  para o estado líquido “normal”, de aparência clara ou transparente. Uma observação ao microscópio polarizante mostra que **este estado líquido intermédio** é anisótropo do ponto de vista das suas propriedades ópticas e de muitas outras propriedades físicas, ao passo que o estado líquido observado a temperatura superior é isótropo, tal como os líquidos correntes, por exemplo a água. É **esse estado líquido intermédio** que se designa por cristal líquido, e o nome vem do facto de exhibir simultaneamente as propriedades ópticas dos cristais (anisotropia) e as propriedades mecânicas (fluidez) dos líquidos. (...).*

Martins, Assis Farinha. O que é um cristal líquido? *Colóquio / Ciências* nº7, 1991, pp. 3-25 (sublinhados meus)

## Anexo 2

Textos reproduzidos de *Os Afluentes do Silêncio*, de Eugénio de Andrade (Porto, Editorial Inova, 1974, 3ª edição aumentada)

### *Sobre Camilo*

Eu creio que nunca mais deixarei de ver este homem senão com os olhos de Aquilino – daí a minha antipatia. E, o que é pior, medir-lhe o estilo pelo do Eça, à sombra de quem me criei. Preciso de me livrar de tudo o que nele me repele: o seu ódio ao corpo, os seus derrames líricos a cheirarem ainda às fraldas do Filinto, a sua ambiguidade perante um romantismo de pataco, o seu amor pelos frades seiscentistas, o seu moralismo de entre-douro-e-minho e, por fim (por fim? antes de tudo!), o seu reaccionarismo. Se me livrar disto, fica-me um dos maiores escritores da língua e uma alma atormentada – o que não é pouco.

“Escrever é obedecer”, disse Camilo. E não disse mal, evidentemente, mas teria dito melhor, e mais de harmonia com o seu temperamento, ou com a exasperada violência das suas páginas mais pungentes, se dissesse o que muito bem sabia: *Escrever é desobedecer*. Mas esta será apenas uma entre mil das suas pendulares oscilações – Camilo foi sempre de extremos, e não só em coisas de estilo. Neste

homem confluem as águas todas da contradição. Já falámos de algumas das mais turvas, digamos agora as de maior transparência: um realismo estreme e tão espontâneo que tudo o que nele não seja essa decantação nos parece postiço; um sarcasmo corrosivo e barroco, onde a ferocidade se expande num ritmo alegre e juvenil, e que é a mais alta criação do seu génio; algumas criaturas saídas, não da sua imaginação, mas da sua memória, como Camilo gostava de dizer, com sabor a terra nos modos e nas falas, e solertes como bem poucas há entre nós.

Eis o exaltante em Camilo: **este apaixonado e áspero vendaval, esta linguagem a que Montaigne chamaria soldadesca**, por oposição à fradesca, **estas palavras tanto mais dóceis quanto mais a mão que as chamava envelhecia e os olhos iam anoitecendo.**

*Tudo é só um puro dizer no tempo*

É uma actividade fascinante, **esta**, a que se entregam algumas almas mais melindrosas.

**Toda esta perseverança e diligência, este comércio inocente e magnífico de figuras e símbolos, este ritmo nascido de mãos cheias de memória**, talvez seja tão-só uma magia sem segredo, um reverenciar uma divindade de que até já o nome se esqueceu, uma nostalgia de coisas elementares e sem mácula. Talvez... (...)